



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e perspectivas

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo [AT]

EMPODERAMENTO: JUNÇÃO DE AUTONOMIA E ALTERIDADE

SIQUEIRA, Sueli

Doutoramento em Sociologia Política

Professora na Universidade Vale do Rio Doce (Brasil) e Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Regional (NEDER - UNIVALE)

suelisq@hotmail.com

FONSECA, Maria do Carmo

PHD em Demografia (UFMG)

Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

ASSIS, Gláucia de Oliveira de

Doutoramento em Ciências Sociais

Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação

galssis@gmail.com

Resumo

O presente artigo busca compreender o fenômeno da migração internacional na ótica das mulheres que permanecem na origem, personagens muitas vezes invisíveis desse fenômeno. Com base na trajetória de duas mulheres que vivem em um território marcado pela emigração. Nos relatos de Vitória, que reside na zona urbana de Governador Valadares, e Maria da Conceição, com vivência na zona rural, buscamos compreender o processo de autonomia e alteridade desenvolvido nesse momento marcante em suas vidas. Em suas falas fica evidenciado que a experiência de estarem sozinhas com a responsabilidade de gerir a vida afetiva e financeira da família, a princípio sentem-se incapazes e vulneráveis, contudo vencendo os desafios com o passar do tempo percebem-se como atrizes capazes que percorre todo o ciclo de empoderamento.

Abstract

This article aimed to understand the phenomenon of international migration in the perspective of women who remain at the origin, characters often behind this phenomenon. Based on the stories of two women living in a territory marked by emigration. In reports of Victory, which resides in the urban area of Governador Valadares, and Maria da Conceição, with living in the countryside, we aimed to understand the process of autonomy and otherness developed this remarkable moment in their lives. In their speeches it is evident that the experience of being alone with the responsibility of managing the emotional and financial life of the family, the principles they feel helpless and vulnerable, yet overcoming challenges over time perceive themselves as capable actresses who travels whole cycle of empowerment. This Research was funded by CNPq.

Palavras-chave: Migração, empoderamento, autonomia e alteridade

Keywords: Migration, empowerment, autonomy and otherness

A migração internacional é um tema que perpassa vários aspectos da vida social e econômica do mundo contemporâneo. O Brasil faz parte de um significativo fluxo emigratório desde os anos de 1980 e seus efeitos se fazem sentir na sociedade.

Segundo o Censo de 2010 a região Sudeste se destaca como um dos pontos de maior fluxo emigratório. Este artigo tem como base dados coletados no Município de Governador Valadares – Minas Geraisⁱ, localidade significativa quando se estuda o movimento de saída de brasileiros para o exterior por ser considerada um dos primeiros pontos de partida no território nacional (Siqueira, Assis, Campos, 2010).

Vários estudosⁱⁱ foram realizados buscando compreender as diversas facetas desse movimento populacional na região. Esses estudos apresentam os emigrantes que parte como os atores principais desse instigante fenômeno, contudo os que ficam também são atores importantes e dentre eles destacamos as mulheres que permanecem na origem enquanto seus familiares, amigos e vizinhos emigram. Essas mulheres, pouco visíveis, contudo importantes no processo são pouco estudadas. Este artigo apresenta essas mulheres não como coadjuvantes de suas histórias permeadas pela emigração, mas como protagonistas, dando voz aquelas que pouco são ouvidas tanto no âmbito doméstico como público.

Ao estudar os emigrantes uma parcela importante desse fenômeno não é percebida, ou seja, os que não emigram, mas fazem parte diretamente desse fluxo. Nesse grupo encontram-se personagens, muitas vezes, invisíveis que não saem da origem, mas têm suas vidas transformadas pela emigração – as mulheres cujos companheiros emigraram. Essas mulheres têm suas vidas redimensionadas com a ausência de seus companheiros. Esse evento leva algumas delas a mudar sua percepção de si mesma e do mundo que as cerca. Neste sentido, esse artigo busca Identificar os fatores socioeconômicos e os aspectos subjetivos (socialização) que possibilitam uma ampliação dos espaços de atuação na esfera pública dessas mulheres cujos companheiros emigraram para o exterior na região urbana e rural do município de Governador Valadares.

Em suas trajetórias de mulheres sozinhas, responsáveis pela família e todo o investimento das remessas enviadas por seus companheiros, essas mulheres passam a se perceber como agentes de suas próprias vidas e sentem-se com mais autonomia para tomar decisões o que dá uma sensação empoderamento.

Conforme observa Assis (2004) o termo empoderamento (*empowerment*) é utilizado por feministas e estudiosas da questão de gênero para referir-se mais ao processo de maior participação das mulheres na esfera pública principalmente política: partidos, sindicatos, associações. Segundo Leon (2000), o termo empoderamento é utilizado, por que seu significado implica que o sujeito se converte em agente ativo como resultado de uma ação, que varia de acordo com cada situação concreta. No caso das mulheres migrantes, podemos utilizar esse termo para nos referirmos a uma maior participação na esfera pública, como Simon (1999) observou em relação às muçulmanas na Turquia, que passam a frequentar as reuniões escolares. Lisboa (2002) mostra o processo de “empoderamento” de mulheres imigrantes caboclas que atuaram coletivamente na “luta pela casa” participando do Movimento dos Sem-Teto em Florianópolis. Em todos esses casos esses mulheres não aparecem como imigrantes passivas, mas como mulheres que lutam que jogam com suas posições de gênero para conseguir mais espaço e direitos. Esses exemplos tão distintos revelam situações em que as mulheres negociam, reivindicam, por seus direitos, em diferentes contextos. Se nos locais de destino as mulheres emigrantes, se referem a experiência migratória como possibilitando a autonomização e maior participação na esfera pública, o que podemos observar no caso das mulheres que ficam, é que mesmo não tendo se inserido no processo como migrantes, foram envolvidas por esse processo e vivenciam nas localidades de origem, os impactos dos processos migratórios, na medida em que tem que negociar suas posições de gênero.

Essa autonomia está relacionada a autonomia econômica, mas não podemos reduzi-la a isso, mais do que passar a receber as remessas essas mulheres tem que administrá-lo, tomar decisões sobre como investir, gerenciar obras, tocar a propriedade que antes era gerenciada pelo marido, ir ao banco, tomar decisões sobre os usos das remessas, assim tem que enfrentar seus temores e inseguranças e sair do mundo doméstico no contexto da ausência do companheiro. Através dos relatos das histórias de Maria da Conceição e Vitória

buscaremos demonstrar como o processo de autonomia e alteridades são conquistadas ao verem-se sozinhas e responsáveis por suas famílias.

A história dessas duas mulheres faz parte do banco de dados da pesquisa “Autonomia e empoderamento na vida das mulheres cujos companheiros emigraram: comunidade urbana e rural do município de governador Valadares” realizada no período de 2010 a 2012, financiada pelo CNPq.

Doas mulheres, duas trajetórias de autonomia e empoderamento.

Poucas vezes nos estudos migratórios as mulheres que permaneceram na origem se tornaram protagonistas de suas histórias, são apenas referências insignificantes da família ou do ponto de apoio nas redes migratórias na origem para aqueles atores que partiram. Maria da Conceição e Vitória são as vozes de milhares de mulheres que vivem intensamente os impactos da experiência migratória sem nunca terem emigrado. Em seus relatos, emerge a angústia de verem-se sozinhas, sentirem-se incapazes de dominar todas as ferramentas necessárias para conduzir a família e a sua transformação como mulheres que se descobrem agentes de suas próprias vidas o que lhes permite empoderar-se nesse momento de adversidade.

Maria da Conceição nasceu em um distrito de Governador Valadares no ano de 1978. Estudou na escola rural e não completou o segundo grau. Casou-se com João aos 23 anos e teve duas filhas. Depois de casada continuou residindo próximo à família e vivia a rotina das mulheres da comunidade, cuidava da casa e das filhas. O jovem casal tinha como única fonte de renda o trabalho do João cuja atividade mais frequente era o trabalho por dia ou como meeiro.

Em 2002 Maria da Conceição foi surpreendida com a decisão do companheiro de emigrar para os Estados Unidos. Sem seu conhecimento, João organizou a viagem e deixou Maria com suas duas filhas, sendo a mais nova ainda bebê. A grande dificuldade apontada por ela foi de ver-se sozinha na administração da vida familiar. Sentia que não conseguiria exercer as funções materna e paterna e ao meso tempo administrar a casa e as remessas.

João enviava mensalmente o recursos necessários para o sustento da família e Maria administrava tanto as despesas da casa como o investimento para a compra da casa, sonho que impulsionou João a emigrar. A vida de Maria pouco mudou até que surgiu a oportunidade de trabalhar como professora na escola rural. Sentindo-se sozinha viu no trabalho a oportunidade de ter seus próprios rendimentos e de sentir-se mais útil exercendo uma profissão. Até então, ela nunca tinha trabalhado fora de casa.

Com a atividade profissional seu mundo deixa de estar restrito ao espaço doméstico, pois estabeleceu novas relações sociais. Assumiu as despesas da casa e as remessas enviadas pelo companheiro ficaram destinadas à poupança para realização do sonho da casa própria. Neste momento, sem se dar conta, Maria assumiu uma nova posição nas relações familiares, passou a ser também provedora além de gerenciadora de recursos enviados. É importante ressaltar que a decisão de como investir era exclusivamente dela. Nesse ponto Maria sentiu-se capaz, pois percebeu que a casa estava bem administrada, as filhas a respeitavam e obedeciam e a sua contribuição econômica para as despesas era também fundamental para a realização do sonho de compra da casa.

Em 2004 João retornou e encontra a família bem estruturada e esposa agora profissional bem sucedida. Seu retorno foi em função da saudade que sentia da família, pois não tinha ainda o capital necessário para aquisição da casa. Ele permaneceu alguns meses na localidade de origem e retornou a suas atividades de trabalho na roça.

A segunda emigração, diferentemente da anterior, foi negociada, compartilhada e se faz mediante o consenso entre o casal. O principal objetivo agora era aumentar a poupança não mais para uma casa, pois, agora com os rendimentos de Maria, sua confiança em relação a sua capacidade de administrar a casa na ausência do companheiro, o sonho foi ampliado. Agora Maria e João decidiram comprar uma pequena propriedade rural na região e construir sua casa.

Em 2004 Maria da Conceição estava novamente sozinha com suas filhas. Continua sendo a responsável pela manutenção da casa. Percebendo a importância do seu trabalho e do seu lugar na família resolveu terminar o

segundo grau para, em seguida fazer a faculdade e com isto ter mais segurança e melhorar o salário. Para facilitar seu deslocamento utilizou parte dos recursos investidos para adquirir uma moto em seu nome. Fez questão de destacar que o bem foi adquirido em seu nome, pois pela primeira vez, não só adquiriu um bem em seu nome, mas decidiu sozinha todas as etapas da compra.

De posse do capital necessário para aquisição da propriedade rural, Maria conduziu todo o processo de escolha até a negociação do preço. No final de 2008 seu companheiro retorna. Maria da Conceição estava finalizando o seu curso de segundo grau e se preparando para fazer concurso público. Depois de permanecer 10 meses em casa, João, a conselho e através de contatos de Maria segue para São Paulo para trabalhar em uma fábrica de móveis de parentes de Maria. Se na primeira decisão de emigrar do companheiro ela foi totalmente excluída, agora é ela quem faz os contatos e organizam a emigração interna do companheiro.

Agora os planos do casal são discutidos e a posição de Maria determina o destino da família, pois se ela for aprovada no concurso público João volta a viver na propriedade adquirida por eles ou permanece trabalhando fora. Segundo Maria já estava acostumada com sua ausência. As mudanças que se processaram em Maria, decorrentes da migração do companheiro foram de tal ordem que as decisões sobre o destino da família, agora, gravitam sobre a vida profissional de Maria.

Cinco meses após o retorno de João o pai de Maria da Conceição morreu em um acidente de moto. Os planos da família mudaram. Como herdeira, teve direito a uma parte da terra onde decidiram construir a casa, bem próximo da casa da mãe. João deixaria o trabalho em São Paulo e volta para cuidar da fazenda da sogra e da construção da sua casa. Destaca-se que esta decisão é definida principalmente por Maria.

Vitória nasceu em 1974 e reside em Governador Valadares. Possui 03 filhos e estava com 29 anos quando seu companheiro Manuel emigrou em 2003 para os Estados Unidos. A sua filha mais velha tinha 09 anos e os outros dois 05 e 01 ano respectivamente. Manuel trabalhava numa gráfica e ao ficar desempregado optou pela emigração. Todos os arranjos para a viagem foram combinados à revelia de Vitória. Ela só tomou conhecimento dois dias antes da partida. Sua posição contrária sobre a aquisição de bens através da separação da família pela emigração era plenamente conhecida pelo companheiro. Para ela o projeto familiar é mais relevante do que a estabilidade econômica buscada pelo companheiro através da emigração.

Quando Manuel emigrou, Vitória trabalhava num escritório. Ao ver-se sozinha Vitória percebeu a dificuldade de assumir a dupla responsabilidade materna e paterna e de administração da vida doméstica. Nos primeiros dois anos, enquanto ainda pagava os custos da emigração pela fronteiraⁱⁱⁱ, o seu salário era o único recurso para sustento da família. Quando Manuel pagou a dívida e pode começar a enviar dinheiro sugeriu que Vitória deixe o emprego e passe a cuidar exclusivamente da casa. Assegurou que cobriria o valor do seu salário.

Vitória se arrependeu de ter saído do mercado de trabalho, pois vive, hoje, na dependência das remessas do companheiro que não cumpriu com prometido, enviando valores inferiores ao que necessita e que sua renda complementava. Além disso, sente-se insegura quanto ao seu futuro. Percebe que seu casamento não tem estabilidade, tanto se o companheiro retornar como se ele permanecer por lá mais tempo. Afirma que o sentimento de afeto já não existe mais por parte de ambos. Repensa seu projeto que era eminentemente familiar. Percebe a necessidade de retornar ao mercado de trabalho para não só ganhar a independência econômica, mas também melhorar sua autoestima.

As remessas enviadas são inteiramente controladas pelo companheiro que envia para sua conta bancária, não permitindo que Vitória abra uma conta para si. Qualquer valor fora das despesas essenciais da casa é motivo de discussão e na maioria das vezes negada. Para o enfrentamento dessa situação Vitória criou uma estratégia para burlar esse “controle”. Informa um valor superior aos gastos do mês. Dois ou três meses antes do dia das crianças informa para Manuel que o valor das despesas foi um pouco a mais e assim vai juntando dinheiro para comprar os presentes dos filhos, evitando o aborrecimento de discutir ou de ver a tristeza dos filhos por não receber o tão esperado presente.

Vitória no decorrer da entrevista discorre sobre sua dor de estar sozinha e de ter seu projeto familiar frustrado pela emigração do companheiro, mas sua dor é maior ao perceber a perda de seu lugar no mercado

de trabalho e de sua renda quando trabalhava, ficando em total dependência de um companheiro com o qual já não se sente ligado afetivamente.

Vive uma dualidade de sentir-se dependente economicamente, mas também independente do ponto de vista subjetivo, pois tem a liberdade de ir e vir, de decidir sobre questões domésticas e familiares e de sentir-se livre para alçar novos voos de seus projetos familiares, ou seja, buscar qualificar-se para entrar no mercado de trabalho novamente, contudo, em seu relato está presente o conflito de libertar-se completamente abrindo mão do casamento ou permanece na dependência econômica.

Maria da Conceição e Vitória e o enfrentamento dos constrangimentos gerados pela ausência do companheiro

Maria Aparecida e Vitória dão voz a milhares de mulheres brasileiras que vivenciam os constrangimentos de estarem sozinhas e com uma responsabilidade que acreditam, inicialmente, serem incapazes de realizarem.

No cenário da família tradicional, anteriormente vivenciada pelas mulheres, predominavam as atribuições clássicas de provedor/reprodutoras. Ainda que houvesse conflitos subjacentes aos papéis de ambos, os espaços de atuação eram bem definidos.

Com a saída do companheiro os papéis inerentes à figura do provedor tais como: autoridade na família e na comunidade se rompe cabendo à mulher estabelecer uma nova organização/estrutura na qual os espaços domésticos e públicos se façam coetâneos para que ela possa assumir seus novos papéis. Nos relatos este constrangimento de cunho sociocultural de gênero é explicitado pelo medo de não conseguir corresponder aos papéis esperados e serem responsabilizadas pelo insucesso da família. No retorno do companheiro Maria da Conceição se vê vitoriosa, pois conseguiu o respeito dos filhos até mais que do companheiro.

[...] você tem que fazer valer o respeito de ambos os lados que é mãe e é pai ao mesmo tempo. Então se você não tiver um pulso firme a casa vai tudo por água abaixo, e também de pensar assim se não der certo vai me cobrar. As meninas ficou comigo eu dei conta de educar. Graças a Deus, deu tudo certo elas me respeitam até mais do que ele tem hora [depois do retorno do companheiro]. (Maria da Conceição).

[...] eu podia é ter feito várias coisas, mas eu não fiz porque, fiquei pra cuidar dos meus filhos. Eu não abri mão deles, porque várias vezes, eu tive a oportunidade de ir, não só com ele, como com parentes, mas eu não deixei os meus filhos. [...] eu não queria que no dia de amanhã eles me acusassem, me apontasse “Oh mãe, eu sou um bandido, eu sou uma prostituta porque você me largou na hora que eu mais precisei de você”. (Vitória)

As responsabilidades assumidas é uma vivência solitária, pois elas não contam com a solidariedade da família patriarcal como existia no passado. Isto ocorre tanto no urbano como no rural. Tanto Vitória (urbano) como Maria da Conceição (rural) estão sozinhas no desempenho de suas tarefas. A família pouco apoio dispensam dada a nova dinâmica da vida moderna (no urbano e rural).

Sempre dava conselho, ajudava em alguma coisa, mas quem pegava no pesado era eu mesma, sozinha... Tinha mãe e irmão não, eu é que tinha que resolver tudo, prá mim é assim, que educa é pai e mãe [...]. (Maria da Conceição)

No ciclo da família para aquelas cujos companheiros permanecem por tempo prolongado, os constrangimentos e cobranças familiares e sociais vão se tornando cada vez mais complexos em virtude do crescimento e das transformações inerentes a cada ciclo de vida dos filhos marca pela ausência do pai. Vitória relata a dificuldade de lidar com a filha adolescente que passou da infância a adolescência sem a figura do pai que emigrou quando ela tinha 9 anos.

[...] eu tô ficando muito cansada, tô me sentindo muito cansada porque o peso é todo em mim, assim um peso, uma responsabilidade muito grande nas costas, enquanto tá pequenininho assim, você doma, mas na hora que cresce cria asa, e ela, e ela é assim, respondona de uma autoridade assim, ela tem uma personalidade muito forte então é, eu falei com ele tá difícil, controlar ela. (Vitória)

O controle social implícito na socialização de gênero na sociedade brasileira é outro constrangimento expresso fortemente por Vitória e Maria da Conceição. Algumas vezes elas usam de eufemismo do tipo “estou sobre pressão social” ou “o controle dos outros” o que as torna atentas e cuidadosas quanto ao seu comportamento social para não infringir esta norma. Elas se autopoliciam para evitar a má fama ou brigas e desentendimentos na família. Esse autopolicamento indica seu constrangimento e sua submissão aos valores que ditam um tipo de comportamento sexual para o homem e para mulher. Não há nenhuma cobrança em relação ao companheiro que está pelo mesmo tempo sozinho, a cobrança é unilateral.

[...] porque a gente tá sem o marido muita gente acha que pode ir metendo a cara, até vizinho e todo mundo fala mal [...] fica vigiando a gente. [...] Menina, aquele homem chegou pro meu compadre, perguntou quem é aquela mulher, que tá morando ali, aquela mulher nova, aí ele disse: “aquela é minha comadre”, “pergunta quanto ela quer pra passar uma noite comigo, eu dou o visto prá ela”. (Vitória).

[...] porque a gente que fica aqui, a gente é atirada muita pedra né, se eu conversar com uma pessoa pode ser um parente, um vizinho, às vezes as pessoas que conhecem ele, que não sabe quem é aquela pessoa já ligam pra lá. [...]. (Vitória).

Outro constrangimento percebido nos relatos, também relativos a socialização de gênero, mas de cunho socioeconômico refere-se ao trabalho remunerado. Vitória e Maria da Conceição foram socializadas para o trabalho, mas eminentemente para o trabalho relacionado às atividades inerentes à divisão social do trabalho que se destina às mulheres, ou seja, o mundo doméstico. As atividades fora desse espaço são consideradas como complementares. Podemos observar que Maria da Conceição, nunca tinha trabalhado fora do espaço doméstico, contudo, quando o companheiro emigra aproveita a oportunidade para entrar no mercado de trabalho como uma opção para combater a solidão e não para tornar-se provedora. Contudo, ela assume todas as despesas da família enquanto o companheiro paga a dívida da viagem para os Estados Unidos, sem se dar conta que economicamente foi o único sustento da família, ou seja, a provedora.

Quando ele foi eu não trabalhava. No início ele bancava tudo, mas depois que eu comecei a trabalhar eu me bancava [...]. Apareceu uma oportunidade de trabalhar e eu achei melhor até para não fica sozinha dentro de casa. (Maria da Conceição)

Diferentemente de Maria da Conceição que vive no universo rural, que só teve a experiência de trabalho remunerado depois da emigração do companheiro Vitória depois de ter uma experiência no mercado de trabalho, antes da emigração do companheiro e mesmo depois de sua ausência recolhe-se ao espaço doméstico como estratégia de cumprir com as responsabilidades dos papéis assumidos por ela, mãe/pai e as interfaces com o mundo público, antes de responsabilidade do companheiro. Isso com o comprometimento do companheiro de manter o seu salário, o que não ocorreu.

[...] você pode sair que eu mantenho tudo foi onde que eu sai do trabalho, mas arrependo viu. [...] eu já perdi muito tempo dentro de casa [...] eu não podia ter aberto mão do meu emprego, que o meu emprego é o que vai me da estabilidade mais no futuro [...] Se ele me largar, ele falar assim: “[...] Oh tchau, vou mandar só a pensão dos meninos” que, que eu vou arranjar da vida?” (Vitória)

Vitória, hoje busca oportunidades para retornar ao mercado de trabalho e percebe que a opção de tornar-se exclusivamente dona de casa não foi uma boa estratégia, sente insegurança quanto ao seu futuro e ao futuro do seu casamento.

Mas eu te falo hoje, que aquele amor, que eu sentia por ele, já não sinto mais não. Parece que vai quebrando, vai acontecendo tantas coisas que vai deteriorando, o amor vai acabando, eu não sei se esfriou, mas eu sei que assim aquele que eu sentia quando ele tava aqui, não tá mais. [...]. Hoje eu penso, quando ele fala assim eu vou vim embora, eu peço a Deus, não deixa vim não, você sabe porque?! Você acostuma com a vida que se tem [...] enquanto ele tá lá, eu sei que eu tô casada, se ele voltar eu não sei se eu vou ficar casada, acho que a minha segurança tá nele ficar lá, a gente vai tá casado, ele tá bem, ele tando lá e já tenho medo dele voltar e ter que começar do zero[...]. A convivência a dois ela é muito difícil, então eu já tava acostumada com minha vida [...] agora vai voltar, é outro jeito de viver, fora que quando eles voltam, eles voltam muito mudado [...] (Vitória).

Vitória acredita que se o companheiro retornar o casamento não resiste por duas razões, primeiro porque ela já o vê como um estranho. Os longos anos de ausência puseram fim ao relacionamento que só se mantém em função das obrigações com os filhos. Segundo ela não há nenhuma manifestação de carinho entre os dois nos últimos cinco anos. “[...] conversamos apenas sobre as coisas das crianças [...]”, pois como afirma a afetividade acabou com a distância. O segundo ponto que considera que irá abalar o casamento caso ele retorne é a condição financeira. Ao longo dos anos não conseguiram adquirir a casa ou fazer uma poupança. Ela afirma: “*Dentro de Valadares ele não tem emprego para manter a família, aluguel, 03 crianças [...]*”. O retorno do companheiro que era algo desejado no início, hoje não é desejado. Tem planos concretos para o futuro, independente do retorno do companheiro. Pretende retornar para o mercado de trabalho.

[...] eu já coloquei vários currículos [...] o ramo que eu sempre mexi na minha vida foi despachante e ele tá todo completo e é assim, eu peço a Deus dia e noite pra abrir a porta porque eu preciso demais de trabalhar [...] (Vitória).

A trajetória para autonomia e empoderamento

Maria da Conceição, no decurso do projeto migratório, sai do espaço doméstico e entra no espaço público como trabalhadora obtendo sua autonomia econômica. Essa experiência desperta sentimentos de autoestima e consciência de suas capacidades até então não evidenciadas, ou seja, ela não se percebia capaz de assumir os papéis deixados com a ausência do companheiro. O despertar das suas capacidades leva-a a alteridade.

Mudou tudo! Eu não gostava de ir ao supermercado fazer compra sozinha, eu não gostava de pagar conta, eu não gostava de fazer nada e hoje eu gosto. Eu aprendi que não é chato, assim que é bom, você saber resolver as coisas. Eu aprendi que sou capaz de fazer as coisas, de poder trabalhar, de cuidar das meninas. (Maria da Conceição).

A associação da alteridade com a autonomia econômica que lhe confere o trabalho gera o seu empoderamento. Este manifesto através dos projetos de carreira profissional e da definição dos projetos familiares centrados em sua pessoa e não mais no companheiro. Os laços de dependência em relação ao companheiro enfraqueceram e Maria da Conceição torna-se capaz de ser senhora de seu destino. O controle de sua vida está totalmente em seu poder.

Acho que eu sou capaz [...] eu não preciso de ser dependente igual eu era. Eu era muito dependente dele. (Maria da Conceição)

Ele acha que eu fiquei mais atrevida, mais dona do meu nariz. Fiquei mesmo [...]. Agora eu vou continuar trabalhando no meu serviço [...] vou continuar a estudar, fazer a faculdade. (Maria da Conceição).

Vitória segue um percurso diferente do seguido por Maria da conceição. Deixa o espaço publico e enclausura-se no espaço doméstico com a promessa do companheiro de manter sua renda. Essa promessa não é cumprida e Vitória se vê prisioneira dos rendimentos econômicos enviados e controlados por ele. Utiliza-se de estratégias para transgredir esse controle e oferecer mais conforto e lazer para a família.

[...] então assim, às vezes, se a despesa da mil reais eu falo que dá mil e duzentos porque que nem agora, esse mês, vai ser o mês que eu vou mentir pra ele, mês que vem já é o mês das crianças, então eu quero comprar as coisa [...] eu sempre faço isso pra poder, guardar quando quiser uma roupinha, ir numa lanchonete com as crianças [...] (Vitória).

Vitória vivencia esse processo com muito sofrimento, pois vê o fim da afetividade que a ligava ao companheiro. Neste percurso, descobre que fez opções que não redundaram em benefícios para ela. Explicita seu arrependimento de haver renunciado ao trabalho remunerado em função do projeto de emigração do companheiro. Vitória toma consciência que deixou de investir em seus próprios projetos, contudo, ela por estar no espaço público em função da ausência do companheiro, percebe-se uma mulher capaz, e conquista sua alteridade. Neste sentido refaz seu projeto de vida, focalizando sua reentrada no mercado de trabalho para retomar sua autonomia econômica. Diferentemente de Maria da Conceição, mesmo sem ter autonomia econômica empodera-se.

Sua mudança fica evidenciada em seu relato quando descreve que antes da emigração as compras da casa e até o seu salário era administrado pelo companheiro.

Era todo ele, até o meu, até o meu [salário] era ele que administrava, se eu tirava cento e cinquenta reais pra mim era muito [...]. Por incrível que pareça, ele que pagava tudo, ele que comprava tudo [...] eu fazia a listinha, aí ele já saía pagando tudo. (Vitória).

Após a emigração Vitória pela primeira vez assume o controle das finanças e administração das remessas enviadas pelo companheiro. Burla o controle feito por ele usando a estratégia relatada acima e comprar os presentes, roupas e passeio com os filhos. Essa liberdade vigiada lhe dá a sensação de independência.

eu sou independente e não sou, porque assim eu acostumei pegar o dinheiro e eu pagar, mas eu sei que o dinheiro não é meu né, entendeu?! (Vitória).

[...] é a onde que eu me arrependo também de ter saído do serviço, aí sabe é aonde que sai as brigas, porque você tendo, você tendo o seu dinheiro, você não tinha que pedir, num tem que da satisfação, você tendo uma independência. (Vitória).

Conclusão

As trajetórias analisadas aqui são diferentes, contudo essas mulheres vivem numa mesma matriz social, passaram por uma socialização de gênero em que os papéis tradicionais alocados para homens e mulheres são diferenciados em seus valores, ou seja o homem como provedor tem uma maior valoração social e portanto goza de determinados privilégios, como por exemplo o de controle da liberdade de ir e vir da mulher e também de sua sexualidade.

O processo de empoderamento é diferente nessas duas trajetórias, contudo os constrangimentos enfrentados são os mesmos. Os constrangimentos socioculturais como ser mãe, cuidadora, educadora e viver monitoradas pelos controles sociais (observando os comportamentos de esposa descente e fiel) além do constrangimento socioeconômico (socialização para o mundo do trabalho) quando vencidos resulta na conquistada da alteridade

Nesse sentido o empoderamento é uma consequência da junção de vivenciar e vencer os constrangimentos sociais, culturais e econômicos e a aquisição da alteridade (consciência de si como pessoa capaz de gerir sua própria vida).

Independente de viver no espaço rural ou urbano a trajetória segue esse esquema. Vitória moradora do espaço urbano caminha para o seu empoderamento, pois se percebe como regente de sua própria história. Maria da Conceição moradora do espaço rural ao final do seu relato apresenta-se como uma atriz empoderada que percorre todo o ciclo de empoderamento. Nesse percurso ela muda as relações de gênero prevalecente no casal antes da emigração. O projeto da família agora gira em torno do seu projeto de sócio econômico e não mais do companheiro. Ela conquista equidade nas relações familiares. Uma mulher que não participou do projeto migratório do companheiro agora defini o futuro da família com base no seu projeto de trabalho. É interessante destacar que diferente de Vitória o empoderamento dela não abalou o relacionamento afetivo do casal.

Diante destas experiências nos perguntamos: teriam essas mulheres realizado esse percurso que gerou empoderamento caso seus companheiros não tivessem ausentes? A presença masculina impede o empoderamento das mulheres?

Referências bibliográficas

Assis, Glauca de Oliveira. Estar Aqui..., Estar Lá... Uma cartografia da emigração valadarense. In Reis, Rosana Rocha, Sales, Teresa. Cenas do Brasil Migrante. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 125-166.

_____. *De Criciúma para o mundo: os novos fluxos da população brasileira e os rearranjos familiares e de gênero*. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, SP.

Domingos, Devani Tomaz. Antagonismo da volta ao país de origem: conexões e desconexões. Caderno do Neder II. Dossiê da Emigração. n.2, p. 45-59, Dezembro 2006. Publicado em: www.editora.univale.br

Léon, Magdalena. Empoderamento: relaciones de las mujeres con el poder. Revista Estudos Feministas. CFH/CCE/UFSC. vol. 8. no. 2. 2000. p. 191-206.

Lisboa, Teresa Kleba. Mulheres de origem cabocla e seu processo de “empoderamento”. Revista Gênero. Niterói. V.2.n.2. p.131-149, 1º semestre 2002, p. 131-149.

Margolis, Maxine L. Little Brazil. Imigrantes Brasileiros em Nova York. Campinas: Papyrus, 1994.

Martes, Ana Cristina Braga. Brasileiros nos Estados Unidos. Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Siqueira, Sueli, Assis, Gláucia de Oliviera, Campos, Emerson César de. As redes sociais e a configuração do primeiro fluxo emigratório brasileiro. Análise comparativa entre Criciúma e Governador Valadares. In: Abreu, Jean Luiz Neves e Espindoloal, Haruf Salmen (orgs). Território sociedade e modernidade. Governador Valadares: Univale, 2010.

Soares, Weber. Emigrantes e investidores: Redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense. 1995. 174 f. Dissertação (Mestrado em demografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ⁱ Os dados utilizados para produção desse artigo fazem parte de uma pesquisa mais ampla financiada pelo CNPq: Autonomia e empoderamento na vida das mulheres cujos companheiros emigraram: comunidade urbana e rural do município de Governador Valadares – Edital MCT/CNPq N°014/2010 - Universal

ⁱⁱ Margolis, 1994; Soares, 1995; Salles, 1999; Assis, 1999; Martes, 2000; Domingos, 2006.

ⁱⁱⁱ A emigração atravessando a fronteira do México é uma forma utilizada pelos emigrantes de entrada nos Estados Unidos sem o visto. Muitos nem tentam conseguir o visto de turista, utilizam esse mecanismo, através de agenciadores existentes na região. O custo dessa travessia ficava em torno de nove mil dólares na época que João emigrou. Esse valor é pago parceladamente, e geralmente, demoravam entre 6 a 12 meses para finalizar o pagamento.